

Logan Belle

A Bibliotecária

Capítulo 1

Regina Finch deteve-se na esquina da Quinta Avenida com a Rua Quarenta e Dois, empurrada de todos os lados pelo mar de gente apressada. A multidão movia-se como uma vaga que se desfazia de encontro a um rochedo. Ao fim de um mês em Nova Iorque, continuava a não se habituar ao movimento da hora de ponta.

Não permitiu que a multidão a desviasse do seu objectivo. Era o seu primeiro dia de trabalho num emprego de sonho e estava decidida a desfrutar cada minuto. Um mês depois de obter o mestrado em Biblioteca e Ciências de Informação estava a caminho da mais majestosa das bibliotecas do país.

Ergueu os olhos para o edifício Beaux Arts, uma espantosa obra de arquitectura em mármore branco e calcário. Não era capaz de imaginar lugar mais perfeito no mundo do que a New York Public Library.

– Está a ver os gémeos? – perguntou-lhe uma mulher de idade avançada.

Tinha os cabelos tão brancos que pareciam cor-de-rosa e usava um vestido azul-vivo, com botões dourados cintilantes. Segurava

na mão uma trela incrustada de pequenos cristais que prendia um cão branco, de tamanho diminuto.

– Desculpe? – perguntou Regina.

– Os leões – esclareceu a mulher.

Ah, os leões. De cada lado da larga escadaria que conduzia à biblioteca erguia-se a estátua de um leão em mármore branco. As criaturas de porte majestoso alcandoravam-se nos seus pedestais de pedra como sentinelas protectoras do conhecimento guardado no edifício.

– Gosto dos leões – disse Regina.

A colega de apartamento já a tinha avisado de que não era obrigada a responder a todos os malucos que a abordassem na rua. Mas Regina era natural da Pensilvânia e não era capaz de se mostrar mal-educada.

– *Paciência e Força de Carácter* – disse a mulher. – É como se chamam.

– É mesmo? Não sabia.

– *Paciência e Força de Carácter* – repetiu a mulher, já a afastar-se.



Não sabia como havia de explicar a Sloan Caldwell, a sua nova chefe, que não precisava de nenhuma visita guiada à Biblioteca, uma vez que desde muito nova se habituara a lá ir. Sloan, uma loura alta e gélida de Upper East Side, tinha-se mostrado bastante ríspida durante as entrevistas, e agora que Regina tinha conseguido o emprego ainda parecia mais.

– Não quer tomar apontamentos enquanto andamos? – perguntou Sloan.

Regina abriu a mala de mão à procura de uma caneta e de papel.

Seguiu atrás de Sloan pelo corredor de mármore branco cuja traça franco-românica sempre lhe fizera lembrar as fotografias dos grandes edifícios da Europa. Mas o pai tinha-lhe explicado que não fazia sentido comparar o tramo central da Biblioteca Pública de Nova Iorque a qualquer outra coisa. Em termos arquitectónicos, era uma obra singular.

– E aqui é a Sala dos Catálogos – disse Sloan.

Na grandiosa sala, oficialmente designada por Bill Bass Public Catalogue Room, estavam alinhadas mesas baixas de madeira escura equipadas com os emblemáticos candeeiros de bronze da biblioteca, dotados de quebra-luzes de bronze escurecido. Os computadores pareciam deslocados numa sala onde tudo era reminiscente dos primórdios do século xx.

– Estes computadores não têm acesso à Internet – informou Sloan, enfadada com a conversa, que já tinha feito inúmeras vezes. – A única finalidade é permitir aos leitores localizar os livros de que precisam e anotar as cotas e outras informações necessárias.

Como é evidente, Regina conhecia aquele sistema melhor do que qualquer outra coisa na vida. (Se havia coisa que ela amava, era um bom sistema. Acima de tudo, era obcecada pela ordem.)

Depois de localizarem os livros pretendidos, os leitores anotavam as cotas em pequenas tiras de papel com os lápis curtos que espreitavam das taças colocadas nos extremos das mesas. A Regina agradava-lhe o facto de, em plena idade das mensagens de texto e de correio electrónico, a Biblioteca Pública de Nova Iorque continuar a ser um lugar onde se usava um lápis para escrever sobre papel.

Sloan continuou a andar, a fazer ressoar no chão de mármore os saltos altos dos sapatos abotinados. Usava os cabelos lisos apanhados

num rabo-de-cavalo curto e vestia *Ralph Lauren* da cabeça aos pés. À semelhança da companheira de apartamento de Regina, Sloan tinha-a mirado de alto a baixo sem disfarçar um veredicto de reprovação. Regina perguntou a si mesma se haveria algum código secreto para se vestir em Manhattan que todos conheciam menos ela. Desde que se mudara para a cidade que se sentia como os alienígenas da *Invasion of the Body Snatchers* – alguém que *quase* se integrava, mas que, observado de perto, era descoberto com facilidade.

– E aqui temos o coração da biblioteca, a Sala de Leitura Principal.

O pai de Regina deslocava-se com frequência a Nova Iorque por causa do trabalho e levava a filha consigo. Viajavam no comboio da Amtrak, um ritual de camaradagem que incluía o almoço na Serendipity e uma visita ao Núcleo Central da Biblioteca Pública de Nova Iorque, na Quinta Avenida. O ligeiríssimo cheiro a mofo da Sala de Leitura Rose Main ainda continuava a despertar-lhe recordações tão vivas e incisivas do pai que precisou de um minuto para se recompor.

Regina parou para ler a inscrição que encimava a porta, um excerto da *Aeropagítica* de Milton, um protesto contra a censura datado de 1644: *A good Booke is the precious lifeblood of a master spirit, imbalm'd and treasur'd up on purpose to a life beyond life.*

O aspecto da sala era de cortar a respiração; o gigantismo das dimensões nunca tinha deixado de a deslumbrar. O tecto erguia-se a mais de quinze metros, pouco menos do que um prédio de quatro andares. A largura era de perto de vinte e quatro metros e o comprimento, de mais de noventa – mais ou menos dois quarteirões. O sol jorrava pelas enormes janelas de arcadas, o tecto era uma tela de céu com nuvens, pintada por Yohannes Aynalem, cercado por uma sanca de madeira trabalhada, embelezada por

querubins, golfinhos e manuscritos entalhados e pintados a ouro. Mas do que mais gostava era dos candelabros de madeira escura e latão, onde as máscaras de sátiros avultavam entre as lâmpadas.

Sloan deteve-se ao fundo da sala, em frente do Balcão de Entregas. Mais do que uma mesa de trabalho, a estrutura de madeira escura entalhada estendia-se até metade do comprimento da sala e era um centro de comando. Estava dividida em onze compartimentos sobrepujados por uma arcada e separados por uma coluna em estilo romano-dórico.

Sloan apontou um dos compartimentos.

– Esta é... a sua nova casa.

Regina sentiu-se confusa.

– Vou trabalhar no Balcão de Entregas?

– Vai – respondeu Sloan.

– Mas... eu sou formada em arquivos e conservação.

Com a mão de unhas muito bem tratadas apoiada na anca, Sloan lançou-lhe um olhar de censura.

– Não se precipite. Você é inteligente, mas poderia dizer o mesmo de todos os candidatos. Tem de subir na hierarquia como qualquer outra. Para além disso, a conservação dos arquivos da Biblioteca está ao cuidado de Margaret. Já conhece Margaret? Também está muito bem conservada. Creio que está cá desde o lançamento da primeira pedra.

Regina sentiu um nó no estômago. O trabalho no Balcão de Entregas não lhe parecia aliciante. Tudo quanto teria a fazer seria sentar-se à secretária, receber as tiras de papel que os leitores lhe entregavam, introduzir as requisições no computador e esperar até que alguém procurasse os livros nos diversos pisos e salas para depois os entregar ao leitor, que esperava sentado num lugar numerado.

Procurou não entrar em pânico. Havia um começo para tudo, disse para consigo. E podia ser pior. Podiam tê-la colocado no Balcão de Devoluções. O que era importante era estar lá, a trabalhar como bibliotecária. Em devido tempo mostraria que estava à altura da função.